



Diagnóstico rápido de propriedades em transição para a sustentabilidade no Município de Porto Velho, Distrito de Nova Califórnia, RO

Rapid diagnosis of properties in transition to sustainability in Porto Velho, Nova Califórnia district, RO, Brazil

CARVALHO, José Orestes Merola de. Embrapa Rondônia, orestes@cpafro.embrapa.br; MENDES, Angelo Mansur. Embrapa Rondônia, angelo@cpafro.embrapa.br; LEONIDAS, Francisco das Chagas. Embrapa Rondônia, leonidas@cpafro.embrapa.br; PEREIRA, Ricardo Gomes de Araújo. Embrapa Rondônia, ricardo@cpafro.embrapa.br; ALMEIDA, Gislaine Gera, gisa._@hotmail.com; SILVA, Diona Alves da, dionaalves16@hotmail.com.

Resumo

Está em curso, desde outubro de 2008, um projeto de pesquisa participativa em agroecologia, levado a diante por um grupo de pesquisadores constituído por membros da Articulação Rondoniense de Agroecologia. O objetivo deste trabalho foi realizar diagnóstico rural rápido, com foco no levantamento das culturas agrícolas e da pecuária praticadas por famílias de agricultores do município de Porto Velho, distrito de Nova Califórnia, que estão em processo de transição para a agricultura sustentável, associados a Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto RECA (Reflorestamento Econômico, Consorciado e Adensado).

Palavras-chave: DRR, Amazônia, agroecologia.

Abstract

Is on top of course, since October 2008, a project of participatory research in agroecology, taken forward by a group of researchers consisting of members of the Rondoniense Coordination of Agroecology. The objective of this study was rapid rural diagnosis, focused on removal of agricultural crops and livestock of farmers conducted by households in the municipality Porto Velho, Nova Califórnia district, which are in the process of transition to sustainable agriculture, associated with the Association of Small Agrofloresters of RECA Project (Economic, Intercropping and Dense Reforestation).

Keywords: RRD, Amazônia, agroecology.

Introdução

Está em início de curso, desde outubro de 2008, um projeto de pesquisa participativa em agroecologia, levado a diante por um grupo de pesquisadores constituído por membros da Articulação Rondoniense de Agroecologia.

A questão ambiental (e o desenvolvimento sustentável) não se esgota na necessidade de dar bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes, de incorporar normas ecológicas aos agentes econômicos, ou de valorizar o patrimônio de recursos naturais e culturais para passar para um desenvolvimento



sustentável. A questão ambiental/desenvolvimento sustentável, não só responde à necessidade de preservar a diversidade biológica para manter a equilíbrio ecológico do planeta, mas de valorizar a diversidade étnica e cultural da espécie humana e fomentar diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade, em harmonia com a natureza (LEFF, 2001).

Aceitar que os conhecimentos produzidos em outros contextos, além daqueles considerados científicos, também são válidos, significa colocar em discussão os referenciais mais caros à ciência clássica (e aos próprios pesquisadores): objetividade, neutralidade, busca da verdade, conhecimento desinteressado do mundo, etc. Se a ciência não representa a única fonte de conhecimento válido, se os conhecimentos tradicionais e os saberes cotidianos também devem ser considerados na produção do conhecimento agroecológico, então é necessário promover “o diálogo de saberes”, em outras palavras, a articulação entre o conhecimento científico e os outros saberes produzidos através do tempo. Isto não é uma coisa fácil, se considerarmos a formação dos pesquisadores, a cultura e a estrutura das instituições (CAPORAL, 2005).

DRR originalmente significava Diagnóstico Rural Rápido, mas suas abordagens e métodos também são usados, entre outros, no contexto urbano. “Relaxado” é melhor que “rápido”. Muitos fazem distinção entre o Diagnóstico Rural Rápido (DRR) e o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) / Aprendizagem e Ação Participativa (AAP). Para eles o DRR é sobre descobrir. É uma coleta de dados cuja análise é feita principalmente por “*nós*”. Um bom DRP/AAP, que envolve mais que um DRR, é, ao contrário, um processo de capacitação, avaliação, análise e ação feito pelas próprias pessoas do local. Existem métodos que são típicos do DRR (observações, entrevistas semi-estruturadas, travessias, etc) e outros típicos do DRP/AAP (mapeamento participativo, diagramas, várias formas de uso do solo, comparações, etc, muitas vezes em pequenos grupos). As vantagens destes diagnósticos permitem que a aprendizagem progressiva seja flexível, exploratória, interativa e inventiva, além de permitir mudanças de rumo necessárias (aprender junto com as populações rurais, descobrir e usar os seus critérios e categorias, e encontrar, entender e apreciar conhecimento técnico local), averiguando não mais do que o necessário, mas utilizando diferentes técnicas, fontes e disciplinas, junto com o uso de uma variedade de informantes, numa grande variedade de lugares, permitindo um controle cruzado de informações para chegar mais perto da situação real (CHAMBERS, 1992).

O objetivo deste trabalho foi realizar diagnóstico rural rápido, com foco no levantamento das culturas agrícolas e da pecuária praticadas por famílias de agricultores do município de Porto Velho, distrito de Nova Califórnia, que estão em processo de transição para a agricultura sustentável, associados a Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto RECA (Reflorestamento Econômico, Consorciado e Adensado).

Metodologia

No início do ano de 2009, pesquisadores da Embrapa Rondônia se reuniram com representantes de organizações governamentais e não governamentais representadas na Articulação Rondoniense de Agroecologia. As organizações presentes foram: Projeto Padre Ezequiel, Projeto Terra Sem Males, Escola Família Agrícola Itapirema, Federação dos



Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rondônia, Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia na Amazônia Ocidental (ADA-Açai), Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura do Município de Ji-Paraná, Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário de Rondônia/Ministério do Desenvolvimento Agrário, Cooperativa de Ajuda Mútua dos Agricultores de Rondônia (COOCARAM).

Nesta reunião, debateu-se sobre formas de iniciar a pesquisa participativa em agroecologia. Chegou-se a um consenso de que a primeira ação seria fazer a sistematização das experiências dos agricultores, uma vez que, os mesmos têm trabalhado no sentido de construir alternativas sustentáveis a pelo menos 2 décadas. Como foi levantado entre as organizações que prestam assessoria a estes agricultores que há cerca de 500 famílias no processo de transição, foi acordado que seria feita uma seleção representativa dessas famílias. Isto porque foi detectado que alguns agricultores poderiam representar os demais e teriam maior possibilidade de virem a contribuir com o projeto por se tratarem de agricultores experimentadores.

Acordou-se que esta seleção seria realizada por toda a equipe do projeto, mas que seria necessário realizar diagnóstico rural rápido nas propriedades como forma de subsidiar o trabalho de seleção e iniciar o processo de sistematização das experiências. Para essa etapa de DDR, foi formada uma equipe composta por profissionais da Embrapa Rondônia, dos Projetos Terra Sem Males, Padre Ezequiel e RECA. Definiu-se também que o DDR seria realizado através de visitas às propriedades consideradas mais representativas pelos profissionais encarregados de assessorar esses agricultores, constituindo esta, uma primeira seleção, para se chegar ao número de 50 famílias de agricultores a serem visitadas.

Definiu-se que, nesta etapa seria suficiente diagnosticar as espécies vegetais e animais dos sistemas produtivos, bem como detectar tecnologias que os mesmos considerassem relevantes para a sustentabilidade do agroecossistema. Apresentar o projeto de pesquisa participativa às famílias e verificar a disponibilidade destas integram a rede de pesquisa participativa foram objetivos secundários.

Resultados e discussões

As atividades, espécies cultivadas e sistemas de produção de agricultores em transição para a sustentabilidade no município de Porto Velho, distrito de Nova Califórnia, estão apresentados na Tabela 1.



3º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul

2º Encontro de Produtores Agroecológicos de MS

18 e 19 de novembro de 2010 - Corumbá, MS

Construindo um futuro sustentável e solidário

Tabela 1. Atividades, espécies cultivadas e sistemas de produção de agricultores em transição para a sustentabilidade no Município de Porto Velho, distrito de Nova Califórnia, RO. Embrapa Rondônia, 2009.

proprietário	atividades
Leia	horta (pais – SEMAGRI/PVH); cupuaçu (com 7 anos, 750 plantas, eram 1000, mas morreram por broca da raiz e queima do fio) era solteiro, mas esta implantando saf por exigência da certificadora com: castanha, pupunha (fruto e palmito) e açai (2 anos). Conforme morre o cupuaçu implanta outra espécie no lugar; batata-doce; banana; café (7 anos) x açai, bacaba, andiroba, teca, seringa, castanha, pupunha; café x pupunha (fruto), algumas essências x puerária (era terra fraca que alagava, com a puerária parou de alagar); café x cacau (semente da embrapa), banana, açai, bandarria, andiroba, castanha, manga, jaca; cana para melado (engenho elétrico); feijão crioulo, arroz agulhão (4 meses), milho crioulo (pipoca e asteca – planta alta); gado branco (10ha pasto); pupunha palmito x pupunha fruta x andiroba, copaiba, cumaru, castanha, açai, boleira (faz sabão e óleo do fruto, depurativo do sangue, cresce rápido e não tem praga e doença), ipê, seringa; pupunha (palmito e fruto) x copaiba (9 anos); queima do fio esta também no café (mais grave no final da seca); utiliza roço com roçadeira costal; cupuaçu com puerária esta um pouco desregulado na frutificação. Acha que pode ser o clima
Senildo e Zali	amendoim (100L); feijão; 3500 pés de cupuaçu x açai (touceira, produz a partir de agosto), bacaba, rambotam; pupunha x café, banana (está eliminando); mandioca; horta (PAIS – semagri/PVH); mandioca; 20 há (13 plantados); foi gerente geral da fábrica do reca; 30 anos de nova califórnia; 2 filhas na UFSM (agronomia e nutrição); cupuaçu produzindo 40 a 60 t/ano; o ritmo da fábrica diminui no verão (cupuaçu e palmito); tem meeiro (30%) - roça, tira vassoura, ajuntar a produção, e levar (trator e roçadeira por conta do senildo); solo vermelho escuro, profundo e bem drenado; gado
Josimar	arroz; pupunha para fruto (tira o palmito do perfilho); café (desbrota, limpeza com roçadeira. Não tem queima do fio. Com 6-7 anos. Em 2 há tirou 130 latas de 20 L. Passou herbicida nas moitas de braquiária; cupuaçu x puerária (fica bom pq o espaçamento do cupuaçu é 7x7m), garapeira, amarelão, feijó, cumaru ferro, teca, pinho cunhabano; café x garapeira (a pleno sol ela deita e não sobe muito); melancia com cinza e casca de café na cova, irrigada no regador. Início com 2 L/dia. Ao crescer vai aumentando a água. Plantou em 15 de julho, quando floresceu estava chovendo, não sendo mais necessário irrigar; 4 filhos: 1 estudando agronomia, outro odonto (na bolívia) e 2 pequenos; usa um pouco de herbicida para controlar moitas de braquiária (mas é contra o uso de veneno); puerária (variedade bem agressiva) e mucuna para proteger contra grama de água nos plantios novos; biofertilizante com alho e fumo no feijão para evitar o veneno pra vacuinha; biofertilizante pra adubação foliar em café e cupuaçu; alho, álcool e pimenta do reino para vacuinha no feijão e lagarta no milho; óleo do pinhão roxo para broca no mogno e no cedro; broca da graviola – usa enxofre (abre uma janela na casca ou fura com broca no pé até próximo do miolo e coloca 2cc de enxofre em pó. Tampa com cera ou fita. No primeiro ano produziu mal, mas, a partir do segundo normalizou a produção); onde tem braquiária na lavoura a terra resseca e não produz; café plantado na capoeira acha que esta muito sombreado e por isso esta crescendo demais; sapé: é melhor não roçar. Só quebrar quando estiver bem grande e plantar puerária; esta financiando um trator com roçadeira; utiliza tração animal (boi); administração bem feita; pupunha x copaiba, teca, mirindiba, cedro, cumaru-ferro, ipê, castanha, mogno, seringa (essências plantadas em 12x12m); açai solteiro (do mato) produz muito bem mesmo em terra seca sem irrigar. Faz a muda em junho, planta em dezembro (quando tiver a batatinha na raiz), bem razinho. Produz com 5 anos se for bem adubado. Cova de 60x50cm, com esterco e areia no fundo (3L);
silvino	café x cupuaçu, mogno, cerejeira, copaiba, bacaba; cupuaçu x nin, bacaba, abiu, seringa, mogno, rambotam, copaiba, andiroba, açai, banana, uva japão, pequi, cumaru de cheiro; banana x graviola, cupuaçu, carambola; café solteiro; abacate; ingá de metro; noni; teca, cedo, coco anão; pequi do cerrado e pequi da amazônia; moringa para comer folha e vagem no omelete; cubiu, jaboticaba, jatobá; 8ha; solo vermelho e macio; certificação pela imaflore e esta no grupo de certificação do IBD e ACS; utiliza casca de castanha para adubação na cova da melancia; utiliza calcário e adubo orgânico;
sérgio	saf café e cupuaçu consorciado com suínos que mantém o solo limpo e comem um pouco dos frutos (cerca elétrica); castanha (8x21m) x cupuaçu (8x7m) x pupunha (deixou somente as plantas sem espinho para semente porque ela resseca demais o cupuaçu; rambotam, andiroba, seringa, abacate, barriguda (boa para plantar no pasto); coco x café, com 10 anos, esta com problemas não identificado (muitas plantas morrendo); pupunha x seringa; pupunha x teca x castanha; caf x teca; café x teca x puerária; teca; tramunhaço (despolpadeira de pupunha – invenção do roberto brequinbroc/marceneiro); no início do reca derrubou a mata, queimou e plantou saf (7x4m, com pupunha, castanha e cupuaçu em covas de 40x40cm, adubado com composto orgânico feito com esterco e palha) em consórcio com culturas anuais até fechar a copa do cupuaçu. No início alguns utilizaram puerária, mucuna, flemíngea (muito boa), feijão de porco. A pupunha no meio foi muito agressiva prejudicando o cupuaçu. As castanheiras soltam muitos galhos secos, que dificultam roçar o mato e também não produzem muito por falta do polinizador (mamangava) que precisa ter outros extratos para subir aos poucos.
vilmar	80 alc (35 pasto); utiliza DMA (malva no pasto), roundup (aceiro de cerca, braquiária na pupunha nova; cupuaçu esta com lagarta que come a casca da raiz, flamenguista (traça que dá no miolo dos galhos – manejo com poda), manejo do mato com trator e acabamento com roçadeira, plantas com 15 a 20 anos com aspecto decadente; pagamento da produção: palmito 45dd, açai na entrega, cupuaçu no final do ano; cupuaçu produzindo 65t/8alc (se mantem ao longo dos anos); castanha tira so pra comer esta produzindo so 6 latas em 100 pés, enquanto que na mata produz 3-4 latas por planta; acha que a broca do cupuaçu pode ser controlada fazendo cobertura com pó de serra uma vez ela não gosta de umidade por atacar mais no verão; cupuaçu x castanha (4alc.) plantada em 1989, não usa veneno; pupunha (vai ficar so pra semente pq sombra atrapalha o perfilho) x mogno, andiroba, castanheira, cerejeira, puerária



Conclusões

Foram identificados seis famílias de agricultores em processo de transição agroecológica em diferentes estágios e diferentes entre si.

Referências

LEFF, E. **Saber Ambiental. Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder.** Petrópolis, RJ: Vozes/PNUMA, 2001. 343 p.

CAPORAL, F. R. (2005) **Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa.** Pronaf. Disponível em: <http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/0730211685.pdf>. Acesso em: 15 ago 2010.

CHAMBERS, R. **Diagnóstico Rurales Participativos:** Passado, presente y Futuro. Bosques, Arboles, y Comunidades Rurales Edición Latinoamericano. Octubre: 15/16 . FAO, Rome y IRDC/SUAS, Uppsala, 1992.